

Teologia europeia na contemporaneidade. Categoria, transformações e perspectivas *European Theology in the Contemporary Period. Category, Transformations and Perspectives*

ALEXANDRE PALMA*

Abstract

The normalization of contextual-geographical theological categories (such as Latin-American, Asian or African theologies) raises the question of a *European Theology*. This article seeks to question the existence of a *category* like *European Theology*. This category does not seem to arise in the theological setting as such, which is why an underdevelopment of such a category is recognized. This underdevelopment is closely associated with a set of contemporary transformations at both the ecclesial-theological and world-cultural levels, which ultimately refer to the loss of Europe's cultural and Christian hegemony. Finally, we present a brief description of the European theological scenario, pointing out three major perspectives: critical (which assumes methods and analyzes from other epistemologies for the composition of its own theological discourse), hermeneutical (which starts from the facticity of the Belief-Christian

* Doutorado em Teologia Dogmática pela Pontifícia Università Gregoriana; Professor Auxiliar da Faculdade de Teologia da UCP; Investigador do CITER/IER/UCP; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2641-1724>; alexandre.palma@ft.lisboa.ucp.pt;

experience and seeks above all its meaning) and mystagogical (which starts from an assumption in favor of faith and wants to lead to it).

Keywords: Theology; Contextual Theologies; European Theology.

Resumo

A normalização de categorias teológicas de matriz contextual-geográfica (tais como teologias latino-americanas, asiáticas ou africanas) faz levantar a questão acerca de uma *teologia europeia*. Procura-se, neste artigo, questionar a existência de uma *categoria* como *teologia europeia*. Esta parece não surgir, no cenário teológico, enquanto tal, razão pela qual se reconhece um subdesenvolvimento de uma tal categoria. Verifica-se que este subdesenvolvimento estará intimamente associado a um conjunto de *transformações* contemporâneas tanto ao nível eclesial-teológico como ao nível mundial-cultural, que no fundo remetem para a perda da hegemonia cultural e cristã da Europa. Ensaia-se, por fim, uma sumária descrição do cenário teológico-europeu, apontando três grandes *perspetivas*: crítica (que recolhe de outras epistemologias métodos e análises para composição do seu discurso teológico), hermenêutica (que parte da facticidade da experiência crente-cristã e busca sobretudo o seu sentido) e mistagógica (que parte de um pressuposto em favor do dado da fé e a esta quer conduzir).

Palavras-chave: Teologia; Teologias contextuais; teologia europeia.

A pluralidade da teologia será tema tão antigo quanto o próprio falar sobre Deus. Essa sua pluralidade poderá ser reconhecida a diversos níveis. Desde logo, a um nível que poderíamos considerar fundamental: versando sobre Deus (mistério que supera ainda o *id quo maius cogitari nequid*), a teologia terá de assumir um caleidoscópio de palavras, símbolos, razões e abordagens para minimamente se aproximar do horizonte divino¹.

¹ «La pluralidad de teologías es indudablemente necesaria y está justificada. Surge fundamentalmente de la abundancia de la verdad divina que los seres humanos pueden comprender solamente en sus aspectos concretos y nunca como un todo, y menos aún de forma definitiva, sino siempre, por así decirlo, con ojos nuevos»: Comisión Teológica Internacional, *La teología hoy: perspectivas, principios y criterios* (Madrid: BAC, 2017), no. 77.

A um segundo nível, poder-se-á reconhecer que a teologia é materialmente plural, na medida em que no seu seio se reconhecem distintas áreas e perspectivas, autores e escolas, argumentos e intencionalidades. Esta pluralidade tem-se inclusivamente ampliado com a sua crescente especialização, com a multiplicação dos seus estilos e com a diversificação dos seus contextos². É em resposta a este seu devir que a pluralidade da teologia se vem mostrando também uma questão linguística (um terceiro nível), algo notório, desde logo, no uso cada vez mais frequente do termo no plural: «teologias»³. A necessidade de criar novas expressões ou categorias, que nomeiem estes novos empreendimentos teológicos, é também ainda tarefa teológica.

Os últimos decénios viram emergir e consolidarem-se propostas teológicas determinadas pelos seus contextos e posições geográficas. Comprovam-no a afirmação de teologias sintomaticamente descritas como latino-americanas, asiáticas ou africanas. Estas tornaram-se expressões contemporâneas evidentes da mencionada intensificação da pluralidade da atividade teológica. Muito naturalmente, elas surgem à cabeça dos exemplos do que hoje se convencionou denominar «teologias contextuais», sendo a determinação geográfica apenas uma entre tantas outras possibilidades de teologar em contexto. Elas quiseram e querem ser respostas teológicas aos desafios desses contextos onde se acham situadas. Mas esta sua afirmação no cenário teológico contemporâneo denuncia uma ausência e levanta questões: existe também uma teologia europeia? Poder-se-á falar, com propriedade, de uma teologia decididamente enraizada na Europa? Se sim, quais as suas vias? Se não, porque não se afirmou (ainda) uma teologia propriamente europeia?

É, no essencial, este o conjunto de questões que se levantam e enfrentam neste artigo. Não sendo possível, na maioria dos casos, dar-lhes uma resposta apodíctica e acabada, pelo menos convocam-se elementos julgados relevantes para que se possa problematizar o que seja uma

² Cf. Comisión Teológica Internacional, no. 76.

³ Forma não utilizada pelos Padres da Igreja: cf. Comisión Teológica Internacional, no. 75.

teologia europeia e perceber por que motivo tal categoria ainda não se terá afirmado. Assim sendo, após um esforço de categorização do que seja uma *teologia europeia* (*categoria* – pontos 1 e 2), procurarei justificar por que motivo esta categoria demora em afirmar-se com tal (*transformação* – ponto 3), para concluir com uma genérica indicação de grandes perspectivas teológicas assumidas no presente contexto europeu (*perspetivas* – ponto 4).

1. Teologia europeia: no espectro das teologias contextuais

Teologia europeia será, entre as chamadas teologias contextuais, uma categoria ainda subdesenvolvida. A sua (quase) inexistência poderá ser verificada, desde logo, na escassíssima ocorrência de qualquer expressão que explicita uma associação entre o dado teológico e o contexto europeu. Neste sentido, é igualmente significativo que uma tal categorização seja, com maior probabilidade, frequentada por autores e correntes de outras geografias teológicas. Este subdesenvolvimento do que seja uma *teologia europeia* torna-se ainda mais evidente quando esta é colocada em paralelo com outras categorizações teológicas contextuais com estatuto bem mais consolidado, como serão os casos das teologias latino-americanas, das teologias asiáticas ou das teologias africanas. Em suma, talvez a (quase) inexistência da expressão seja, no fundo, reflexo da (quase) inexistência de *teologias europeias*, isto é, de propostas teológicas entendidas a partir desta sua localização geográfica e cultural.

Abunda, seguramente, teologia produzida na Europa. Com efeito, não é isso que aqui se questiona. O que se entende por *teologias europeias* remete, todavia, para coisa diferente, a saber: propostas teológicas que se apresentem numa relação consciente e deliberada, por um lado, com a experiência eclesial e cristã presente na Europa e, por outro, com a realidade de sociedades e culturas do velho continente. À imagem do que sucede em propostas teológicas descritas como latino-americanas, asiáticas ou africanas, *teologia europeia* reunirá os esforços para se teologar em vista das circunstâncias e questões específicas do contexto europeu; para se teologar a partir do grande património intelectual e simbólico das

culturas europeias. Assume-se aqui que *teologia europeia* descreve, então, o labor teológico desenvolvido a partir e em vista do contexto europeu, ou seja, das suas raízes, das suas circunstâncias e das suas problemáticas.

2. Teologia europeia: limites de uma determinação geográfica

O enquadramento contextual-geográfico tende a enfatizar a dimensão histórica de toda a teologia. Esta, de facto, existe espacio-temporalmente situada e em diálogo estreito com as culturas em que se enraíza e de que também é parte. Todavia, reconhecendo os méritos de uma determinação de teologias por critério geográfico, justifica-se também uma leitura crítica desta forma de descrição do cenário teológico. Esta grelha de análise e de sistematização exhibe limites, particularmente evidentes na era da globalização. Na verdade, numa época em que se intensificam as interconexões e interdependências entre povos e culturas, seria estranho não reconhecer também o impacto global de teologias contextuais ou o impacto local de outras referências geográficas em teologia. Dito de outro modo, muito embora estas vias teológicas contextuais brotem e se orientam primariamente para um determinado espaço social e geográfico, elas não deixam por isso de se poderem tornar significativas para outras radicações teológicas. Isso mesmo reconheceram, por exemplo, K. Rahner a respeito do impacto global da teologia da libertação latino-americana⁴ ou M. França Miranda a respeito do impacto da teologia europeia para lá desta sua origem continental⁵.

Para além disso, impõe-se estabelecer alguma distinção entre *teologia europeia* e teologia desenvolvida na Europa. Esta última parece remeter para algo mais amplo, pois incluirá algumas expressões que identificamos como teologias latino-americanas, africanas, asiáticas ou outras, uma vez que alguns expoentes destas outras geografias teológicas desenvolveram

⁴ Cf. Karl Rahner, «Vorwort. Karl Rahner – Christian Modehn – Hans Zwiefelhofer (Hrsg.): Befreiende Theologie. Der Beitrag Lateinamerikas zur Theologie der Gegenwart,» in *Sämtliche Werke*, vol. 28 (Freiburg, Basel, Wien: Herder, 2010), 64-66.

⁵ Mário França Miranda, refletindo acerca da teologia no Brasil e referindo-se ao período dos manuais, afirma que então apenas se reproduziam «em escala tropical as disputas intra-eclesiais europeias»: Mário França Miranda, «Teologias em tensão no Brasil,» *Perspectiva Teológica* 15, no. 35 (1983): 46.

fases significativas do seu trabalho na Europa. Por outro lado, poder-se-á também ponderar se os contributos de teólogos originariamente europeus, mas que trabalharam por longos períodos noutros continentes e foram por estes outros contextos profundamente influenciados, pertencerão ou não a isso que se poderá considerar de *teologia europeia*. Com estas observações, não se pretende esvaziar de valor uma caracterização geográfica das teologias e, neste caso, uma determinação como *teologia europeia*, mas, tão-somente, problematizar a questão e enquadrar esta grelha de análise nalgumas das suas mais- e menos-valias heurísticas.

3. Teologia europeia: no devir da contemporaneidade

Fatores de variada ordem ajudarão a compreender por que motivo uma *teologia europeia* ainda não se terá desenvolvido como tal. À cabeça ressalta, desde logo, a (in)definição do que seja a Europa. Os debates inconclusivos acerca da identidade europeia, no mínimo, não favorecem a estabilização de uma tal categoria teológica. A pluralidade das raízes da Europa (gregas e romanas, mas também celtas, germânicas, eslavas, árabes ou norte-africanas; judeo-cristãs, mas também pagãs e muçulmanas; platónicas e aristotélicas, mas também escolásticas, iluminísticas, empíricas, românticas e humanistas) multiplicada pela complexidade da sua longa história (de impérios e estados-nação; de conflitos e alianças; de integração de povos e projeções além-mar) torna a questão da identidade da Europa uma equação de solução (quase) impossível e, seguramente, irreduzível a mera determinação geográfica. Talvez só uma indicação paradoxal, como a de Eduardo Lourenço, responda a esta aporia: a identidade europeia está na sua «sublime não-identidade»⁶. De facto, este contexto cultural não favorece a emergência de uma teologia propriamente europeia.

Para lá deste enquadramento, a *teologia europeia* resente-se hoje do seu devir na contemporaneidade. Evangelista Vilanova contextualiza do

⁶ Cf. Eduardo Lourenço, *A Europa Desencantada. Para uma mitologia europeia* (Lisboa: Gradiva, 2001).

seguinte modo a teologia em ambiente europeu, tal como esta se mostrou no Concílio Vaticano II e na sua relação com outras expressões teológicas emergentes: «O Vaticano II consagrou a teologia centro-europeia que tinha começado a despertar na primeira metade do século xx. Os grandes teólogos do Vaticano II foram centro-europeus, e os problemas do mundo centro-europeu foram aqueles que se refletiram no concílio»⁷. Muito embora este juízo mereça uma leitura crítica⁸, ele acaba por sinalizar talvez o último grande período teológico-eclesial em que a hegemonia europeia-ocidental foi ainda efetiva. Dir-se-ia que, até este período da história, teologia cristã seria, genericamente, sinónimo de *teologia europeia*. Neste sentido, a teologia europeia deteria um quase monopólio do discurso teológico-cristão. Acrescente-se que este estado de coisas não seria uma particularidade teológica ou eclesial, pois algo de semelhante era seguramente reconhecível também nos mais diversos campos do saber, da técnica e da ciência. Todavia, todo este quadro sociocultural conheceu, desde então, uma rápida e acentuada transformação.

Essa transformação terá tido raiz, em primeiro lugar, numa crise da própria consciência ocidental-europeia fortemente abalada por todos os seus fracassos, nomeadamente pelos efeitos civilizacionais das duas grandes guerras. O Ocidente e, em especial, a Europa, viram abalarem-se as suas grandes seguranças: «crença no progresso, confiança nas virtudes benéficas da razão, superioridade das instituições livres, excelência da civilização ocidental»⁹. Tudo isto gerou um ambiente em que, segundo Raymond Wiling, de um «conforto intelectual» se passou a uma «crise de

⁷ Joan Evangelista Vilanova, *Historia de la teología cristiana. Siglos XVIII, XIX y XX*, vol. 3 (Barcelona: Herder, 1992), 987.

⁸ Nomeadamente, no que se refere à suposta ausência de «problemas» do mundo não «centro-europeu» ou de contributos de «grandes teólogos» não «centro-europeus». Se fosse exatamente assim, pronunciamientos conciliares, por exemplo, sobre «nações de recente independência» (cf. *Gaudium et Spes*, 9) ou contributos como o do jesuíta norte-americano John Courtney Murray, consensualmente decisivo no debate acerca da liberdade religiosa (cf. *Dignitatis humanae*; Joseph A. Komonchak, «The American Contribution to “Dignitatis Humanae”: The Role of John Courtney Murray, S.J.,» *U.S. Catholic Historian* 24, no. 1 [2006]: 1-20), ficariam por explicar de forma satisfatória.

⁹ Raymond Winling, *La théologie contemporaine (1945-1980)*, 1.a ed. (Paris: Le Centurion, 1983), 215-216.

consciência ocidental»¹⁰, que se veio a exprimir também como crise de consciência da teologia ocidental e europeia.

Este primeiro aspeto relaciona-se intimamente com um segundo: a crescente consciência de identidades culturais não europeias e do seu próprio valor. As independências de vastos territórios face ao domínio de potências europeias foram, simultaneamente, efeito e consequência de uma revalorização das culturas originais desses territórios. Se, por um lado, essas independências deram consistência política a um processo de redescoberta das próprias culturas e tradições, por outro lado, elas catalisaram uma afirmação cultural e social que se estendeu muito para lá da estrita esfera política¹¹. A necessidade de se encontrar um novo balanço entre identidades forçou um reposicionamento do lugar do «europeu» neste novo xadrez cultural. Este foi, para além disso, também e em sentido próprio um processo teológico-eclesial. De facto, a par de uma emancipação sociopolítica, deu-se igualmente a emergência de uma eclesiologia cristã-católica mais sensível às dinâmicas e igrejas locais e, portanto, também a referências eclesiais e teológicas não-europeias.

Por fim, haverá ainda que reconhecer uma gradual, mas sustentada, recomposição do papel público do cristianismo em contexto europeu e, inevitavelmente, também da sua teologia. Verifica-se, com efeito, uma erosão da força simbólica e institucional de estruturas eclesiais, que se prolonga também numa erosão dos lugares onde a teologia é classicamente cultivada na Europa. O redimensionamento da rede europeia de escolas e/ou faculdades de teologia, motivada sobretudo por uma diminuição da procura (isto é, por um decréscimo no número de estudantes), ou, em alguns casos, a sua transformação em centros de estudos de religião¹² serão disso, talvez, os melhores exemplos. Mas à semelhança do

¹⁰ Cf. Winling, 215-17.

¹¹ Winling, 217: «La décolonisation pose ses vrais problèmes après 1960. L'accession à l'indépendance avait représenté la première phase et avait relégué à l'arrière-plan les problèmes culturels. Mais une foi que l'indépendance était acquise, les jeunes nations étaient amenés à s'interroger sur leur identité et sur leur place dans le concert des peuples.»

¹² Cf. Alexandre Palma, «The Relation between Theology and Religious Studies,» *ET-Studies* 8, no. 2 (2017): 371-76.

que se passa com outras dinâmicas da fé e do cristianismo na Europa, a teologia parece não tanto extinguir-se quanto deslocar-se para outras formas e lugares de presença, quais sejam, por exemplo, uma crescente atenção e interesse pelo discurso teológico noutras áreas de saber¹³ ou os espaços mais ou menos informais que as novas formas de comunicação vieram proporcionar.

A confluência destes três fatores, distintos em si mas correlacionados no seu devir, trouxe a *teologia europeia* para uma circunstância nova: ela já não tutela o discurso teológico e, muito menos, o discurso público. *Teologia europeia* já não pode ser considerada, sem mais, sinónimo de teologia ou de teologia cristã. Todavia, apesar de desapossada desse seu monopólio, a *teologia europeia* ainda não se reconhecerá como tal, ou seja, como uma teologia em interação com outras, como uma forma teológica contextualmente influenciada e, hoje, em palco com outras formas teológicas, marcadas por outros contextos socioeclesiais. Este desfasamento entre as circunstâncias do seu presente e a representação que (ainda) faz de si própria talvez ajude a explicar o atraso relativo no desenhar-se de uma categoria e de uma realidade teológica que possa, com propriedade, considerar-se e ser considerada como *teologia europeia*.

4. Teologia europeia: grandes tendências gerais

«A teologia contemporânea pode ser definida de muitos modos, mas nenhum deles é totalmente satisfatório.»¹⁴ O que, com David Tracy, pode ser assim dito da teologia em geral, deverá também ser reconhecido, e com maioria de razão, a propósito da *teologia europeia*. Com efeito, também qualquer cartografia das grandes tendências teológicas atuais em contexto europeu será sempre insatisfatória.

Esta dificuldade fundamental decorre, em primeiro lugar, do facto de no período contemporâneo se ter incrementado a pluralidade em

¹³ Este cenário de intensas transformações parece poder abrir à teologia na Europa novas possibilidades de diálogo e trabalho inter e trans-disciplinar.

¹⁴ David Tracy, *On Naming the Present. God, Hermeneutics and Church* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1996), 37.

teologia. As raízes desse processo recuam, pelo menos, até ao século XIX, época em que se intensificaram dinâmicas de autonomização das esferas científicas e intelectuais. A corrente liberal será, em teologia e no contexto europeu, o mais eloquente exemplo disto mesmo. Para esta situação concorrem também a perda da capacidade regulatória por parte de tutelas institucionais (nomeadamente eclesiais) ou um ambiente cultural avesso a «metanarrativas»¹⁵. Todavia, para lá das suas origens e dos fatores que a promovem, a pluralidade inscrita na teologia europeia hodierna está associada, por um lado, à pluralidade das suas fontes e, por outro, à necessidade de acompanhar um mundo em crescente complexificação. A diversificação de formas de teologar tende a ser uma forma inorgânica de procurar honrar uma tradição teologicamente rica e de responder a solicitações múltiplas que, exatamente por isso, requerem abordagens múltiplas.

A este contexto adverso a uma nítida catalogação das grandes tendências teológicas na Europa acresce, em segundo lugar, não ser ainda fácil (ou sequer possível) descortinar, no atual universo europeu, grandes escolas ou formas de pensamento teológico (como, porventura, o foi noutras eras) e orientações teológicas convergentes (como, porventura, sucede hoje noutras geografias teológicas). Talvez se deva reconhecer que mais do que teologias europeias teremos em palco, sobretudo, teólogos europeus, ou seja, esforços teológicos pessoais que em algum ponto se poderão associar, mas que não chegam, na maior parte dos casos, a gerar um corpo teológico próprio ou que não desenvolvem o seu trabalho de forma deliberadamente coordenada. Digo-o, de facto, em termos gerais, pelo que não se excluem expressões em contexto europeu em que convergências teológicas são conscientemente procuradas e em que se cultivam *éthos* teológicos próprios¹⁶.

¹⁵ Jean-François Lyotard, *La condition postmoderne* (Paris: Les Éditions de Minuit, 1979).

¹⁶ Como, por exemplo, se poderá encontrar na chamada «escola de Milão» (gravitando em torno da inspiração teológica de Carlo Colombo e de Giuseppe Colombo) ou a *Radical Orthodoxy* (difundida a partir de Cambridge e que terá em John Milbank o seu autor mais reconhecido).

Apesar da mencionada dificuldade em cartografar as grandes tendências teológicas neste contexto, arrisco indicar sumariamente três grandes perspectivas ou aproximações que possam ajudar a descrever o atual cenário teológico europeu. Esta grelha de leitura não se estrutura a partir dos grandes subdomínios da reflexão teológica (como sejam teologia sistemática, teologia bíblica ou teologia prática), mas procura, ao invés, sugerir notas fundamentais do que se poderão considerar tipos ou estilos teológicos contrastantes e que se expressarão de formas próprias em cada um desses subdomínios teológicos. Acrescente-se, por fim, que estas aproximações teológico-europeias tecem-se de questões e perspectivas já antes conhecidas em teologia, pelo que não poderão ser consideradas novidades absolutas. Desta forma, elas deverão ser consideradas expressões contemporâneas e situadas de estilos transversais a toda a reflexão teológica.

4.1. Aproximação crítica: no espectro das humanidades

Um filão teológico-europeu assume decididamente o desafio do diálogo com as ciências sociais e humanas e estrutura-se a partir dele. Serve-se, neste caso, das ferramentas e, sobretudo, da atitude crítica que encontra nestes seus interlocutores científicos. Com facilidade se reconhece, nesta forma de teologar, o prolongamento de um movimento iniciado, pelo menos, no século XIX, em particular centrado nas relações entre teologia e história. Dir-se-á que este modo de perspetivar a teologia em interação com a racionalidade histórica se consolidou e estendeu a outras áreas de saber, quais sejam por exemplo a psicologia ou a sociologia, sem ignorar o acolhimento em campo teológico de correntes filosóficas modernas e pós-modernas. Joseph Doré vê neste modo de teologar um esforço, ainda em ato, de enfrentar um dos maiores desafios do cristianismo europeu no período contemporâneo: a reconciliação entre a cultura secular e o universo religioso. Muito embora este desafio exceda o âmbito da teologia, ele requer uma teologia competente para dialogar com um contexto tão profundamente transformado. Diz ele: «A questão de fundo é a de saber como o cristão pode continuar a confessar a sua fé

neste mundo e, neste sentido, permanecemos num enquadramento teológico. Mas procura-se mostrá-lo com novos esforços, sobre novas bases; decide-se tomar diretamente o ponto de vista dos discursos que versam sobre a fé, as análises quem fazem dessa fé estas novas “disciplinas” e “autoridades” culturais que são as ciências humanas.»¹⁷ A informação crítica gerada por estas outras epistemologias torna-se, portanto, para este perfil teológico, matéria-prima a partir da qual e em vista da qual se perspectiva o *intellectus fidei* e via privilegiada para a almejada reaproximação entre cristianismo e modernidade.

4.2. Aproximação hermenêutica: a questão do sentido

Sem deixar de partilhar alguns elementos com o filão anterior, a aproximação hermenêutica da reflexão teológica pressupõe que a dinâmica crente-cristã deva ser explorada a partir da sua facticidade, da sua efetiva concretização e realização histórica. Focada na questão do sentido, esta outra atitude teológica tende a situar-se mais explicitamente no interior da própria inteligência crente e não tanto a observá-la de fora, como se de um puro objeto se tratasse, colocação essa mais consentânea com a indicada aproximação crítica. Dito de outro modo, este tipo de abordagem não julga já necessário percorrer um itinerário crítico prévio ao dado teológico para poder teologar, pois o acontecer deste dado é já por ele assumido como um efetivo *locus theologicus*. Em suma, esta aproximação hermenêutica singulariza-se por se apresentar «como interpretação (e não como “explicação”) do cristianismo tal como ele acontece na sua forma histórica específica [...]. Em sentido estrito, não se tratará, portanto, de uma hétero-[interpretação] mas sempre de uma auto-interpretação»¹⁸.

A facticidade histórica cristã e a atualidade do seu sentido jogam-se na interação de dois polos, ambos carentes de interpretação: de um lado, o evento fundador, mediado por textos e pela memória viva da comunidade crente-cristã; e, por outro, a história presente, com as inquietações

¹⁷ Joseph Doré, «Les courants de la théologie française depuis Vatican II,» in *Interpréter. Mélanges offerts à Claude Geffré* (Paris: Ed. du CERF, 1992), 231.

¹⁸ Doré, 237.

e respostas ensaiadas em cada tempo. Num tal enquadramento, a hermenêutica teológica resulta da correlação destes dois polos e das respetivas hermenêuticas, via pela qual se encontra o horizonte de sentido da experiência crente-cristã em cada tempo. Em contexto europeu, este tipo de abordagem hermenêutica assume um leque variado de expressões, que podem ir de abordagens de feição existencial (mais focadas no sentido da fé para o indivíduo, crente e não-crente) a abordagens de alcance eclesial e político (mais focadas no sentido eclesial e no impacto social da fé cristã).

4.3. *Aproximação mistagógica: pressuposto em favor da fé*

Descortina-se, enfim, um outro tipo teológico, que assume a «condução aos mistérios da fé cristã» (mistagogia, portanto) como foco axial do seu trabalho. Neste enquadramento, a teologia assume-se prioritariamente como suporte da vida crente. Com frequência, este filão brota de uma explícita demarcação face a estilos teológicos analítico-críticos da fé professada e das suas instituições (Igreja, Escritura ou outros), como os mencionados em primeiro lugar. Se, como anteriormente também se indicou, uma certa teologia acentua a «dimensão hermenêutica e, em consequência, concebe a reflexão teológica como atualização da palavra cristã por referência à situação existencial ou, conforme os casos, social; [...] outra [...] acentua, pelo contrário, a dimensão mística e, novamente em consequência, entende a teologia como uma *explicatio fidei* em íntima conexão com as fontes bíblicas e patrísticas»¹⁹. A mistagogia era já, em 1970, um dos quatro tópicos que K. Rahner antecipava para os «caminhos da teologia do futuro», por julgar que ela não poderia ser abandonada apenas à praxis pastoral e por julgar que a opção crente, num contexto em que os pressupostos cristãos perderam lugar e eficácia, precisava de uma teologia consistente que o suportasse²⁰. Neste âmbito, estaremos também próximos do que Avery Dulles, mesmo se com

¹⁹ José Luis Illanes e Josep Ignasi Saranyana, *Historia de la Teología*, vol. 9 (Madrid: BAC, 1995), 391.

²⁰ Cf. Karl Rahner, «Über künftige Wege der Theologie», in *Sämtliche Werke*, vol. 22/2 (Freiburg, Basel, Wien: Herder, 2008), 618-619.

uma nomenclatura distinta, descrevera como «teologia pós-crítica». Esta assumir-se-ia, na proposta do jesuíta norte-americano e por contraste com as teologias crítica, contra-crítica e para-crítica, por um pressuposto em favor da fé e por um teologar entendido como gesto eclesial²¹. Ainda com uma derradeira nomenclatura, neste contexto, estaremos também perto do que Joseph Doré considerou ser a tarefa da teologia prática, no terreno da comunicação da fé, e que descreve da seguinte forma: «Aqui, a teologia [...] julga que a urgência está menos nas investigações históricas minuciosas e/ou elaborações teóricas conduzidas por si próprias, [...] que numa rearticulação da [...] teologia sobre a fé como tal, e, portanto, sobre os lugares e os modos onde a fé é fé, isto é, onde é vivida como fé [...]. Mais preocupada, enfim, em aderir aos dados da experiência, às situações concretas, a teologia poderá e deverá, seguramente, não temer a verificação histórica e os momentos especulativos, mas ela procederá a uns e a outros apenas depois de ter assegurado as bases no concreto da existência crente e sobre o terreno da vida eclesial.»²²

O presente esforço para caracterizar o que seja hoje, mesmo se em traços largos e gerais, a *teologia europeia* denuncia o estado precoce de desenvolvimento de uma *teologia* europeia enquanto *europeia*. De alguma forma e sem surpresa, o subdesenvolvimento da realidade e da categoria *teologia europeia*, anteriormente afirmado, documenta-se num elenco de perspectivas que, ao limite, poderão não ter muito de propriamente contemporâneo nem de propriamente europeu.

²¹ «Teologia pós-crítica» cuja pertinência o autor apresenta da seguinte forma: «The critical program has been under attack for at least a generation, not only in theology but also in philosophy, science, history, and literary criticism. The collapse of that program carries with it certain dangers, especially for theology. The critical program undergirded the not inconsiderable theological achievements both of liberal Protestantism and of various reactions against liberal theology such as neo-scholasticism. The widespread rejection of both the critical and the countercritical alternatives in our own day produces a vacuum and casts doubt upon the viability of the theological enterprise itself. Anticritical and paracritical theories that depict faith as a matter of arbitrary prejudice or blind emotion deprive theology of its cognitive import. We are faced today by an urgent need to overcome the present sense of drift and confusion and to establish an intellectually respectable method»: Avery Dulles, *The Craft of Theology. From Symbol to System* (New York: Crossroad, 1995), 7.

²² Doré, «Les courants de la théologie française depuis Vatican II,» 252.

A concluir, importa regressar às questões colocadas ao início e afirmar que não existirá ainda, propriamente, uma *teologia europeia*, muito embora não escasseiem nem teologias feitas na Europa nem teólogos europeus. Este seu estado de «subdesenvolvimento» decorrerá, em grande medida, da perda de um monopólio cristão e cultural ainda não completamente assimilado, o que naturalmente parece atrasar o advento de uma teologia que, com verdade, possa ser dita europeia. As vias da teologia reconhecíveis na Europa têm, enfim, que ver ainda com algumas dessas suas transformações, nomeadamente com a exigente presença num mundo que, também ele e em sucessivas vagas, vem pondo em causa a hegemonia cultural cristã e com o debate em torno da postura que as comunidades crentes-cristãs deverão assumir neste «novo velho continente». Em suma, poder-se-á falar do fim de uma dupla hegemonia e/ou monopólio que afeta ainda a possibilidade de uma *teologia europeia*: o fim da hegemonia do cristianismo na(s) cultura(s) europeia(s); o fim do monopólio e/ou hegemonia europeia na teologia.

A terminar, resta apenas apontar para o futuro. Isso permite, desde logo, questionar algo ainda mais radicalmente fundamental: mas terá algum dia de haver uma *teologia* propriamente *europeia*? Ao longo deste exercício, foi-se assumindo de forma implícita que o fluxo do devir da teologia tenderá a promover na Europa algo análogo ao que se passou noutras geografias: a emergência de teologias contextuais próprias. Reconheça-se, contudo, que não sendo tal desfecho improvável ele também não é inevitável. Poder-se-á conjeturar que a singularidade da posição relativa da Europa face ao passado cristão e teológico ou que as idiosincrasias socioculturais próprias do velho continente favoreceram a afirmação de outras formas teológicas diferentes daquelas que já hoje conhecemos e que, portanto, tendemos a projetar para o futuro. Em tal caso, em vez de subdesenvolvimento da *teologia europeia* face às demais contextualizações teológicas, verificar-se-ia um «paradesenvolvimento» da *teologia europeia*.

Bibliografia

- Comisión Teológica Internacional. *La teología hoy: perspectivas, principios y criterios*, 858-913. Madrid: BAC, 2017.
- Doré, Joseph. «Les courants de la théologie française depuis Vatican II.» In *Interpréter. Mélanges offerts à Claude Geffré*, 227-59. Paris: Ed. du CERF, 1992.
- Dulles, Avery. *The Craft of Theology. From Symbol to System*. New York: Crossroad, 1995.
- Illanes, José Luis, e Josep Ignasi Saranyana. *Historia de la Teología*. Volume 9. Madrid: BAC, 1995.
- Komonchak, Joseph A. «The American Contribution to “Dignitatis Humanae”: The Role of John Courtney Murray, S.J.» *U.S. Catholic Historian* 24, no. 1 (2006): 1-20.
- Lourenço, Eduardo. *A Europa Desencantada. Para uma mitologia europeia*. Lisboa: Gradiva, 2001.
- Liotard, Jean-François. *La condition postmoderne*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.
- Miranda, Mário de França. «Teologias em tensão no Brasil.» *Perspectiva Teológica* 15, no. 35 (1983): 45-53.
- Palma, Alexandre. «The Relation between Theology and Religious Studies.» *ET-Studies* 8, no. 2 (2017): 371-76.
- Rahner, Karl. «Über künftige Wege der Theologie.» In *Sämtliche Werke*, 22/2:612-33. Freiburg, Basel, Wien: Herder, 2008.
- Rahner, Karl. «Vorwort. Karl Rahner – Christian Modehn – Hans Zwiefelhofer (Hrsg.): Befreiende Theologie. Der Beitrag Lateinamerikas zur Theologie der Gegenwart.» In *Sämtliche Werke*, 28:64-66. Freiburg, Basel, Wien: Herder, 2010.
- Tracy, David. *On Naming the Present. God, Hermeneutics and Church*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1996.
- Vilanova, Evangelista Joan. *Historia de la teología cristiana. Siglos XVIII, XIX y XX*. Volume 3. 3 volumes. Barcelona: Herder, 1992.
- Winling, Raymond. *La théologie contemporaine (1945-1980)*. 1.a ed. Paris: Le Centurion, 1983.

Artigo recebido a 30.12.2019 e aprovado a 15.07.2020.

